

PROJETO TARTARUGA MARINHA

GUY M. F. DEI MARCOVALDI
Oceanólogo do Convênio IBDF/FBCN
JOSÉ CATUÊTÊ B. DE ALBUQUERQUE
Oceanólogo do Convênio IBDF/FBCN

Áreas de Proteção

Já com um trecho bastante considerável de litoral estudado, o Projeto Tartaruga Marinha partiu para sua segunda fase, de delimitação de áreas primordiais e secundárias para a proteção dos quelônios em território brasileiro.

As áreas de Atol das Rocas, no limite das 200 milhas do Rio Grande do Norte, Praia de Santa Isabel, litoral norte do Estado de Sergipe, Ilha de Trindade, a 500 milhas leste do litoral do Espírito Santo, e Praia de Comboios, litoral norte do Espírito Santo, foram consideradas primordiais para proteção das tartarugas marinhas no Brasil. As três primeiras têm sua importância na grande incidência de desova, e a última, a praia de Comboios, na presença, para postura, da espécie *Dermochelys coriacea*, hoje em adiantado processo de extinção e pouquíssimas áreas de nidificação em todo o mundo.

Para a proteção da Ilha de Trindade o IBDF está desenvolvendo negociações com a Marinha Brasileira, que atualmente controla a área. A praia de Comboios, que já foi, há algum tempo, uma Reserva Estadual, destinada inclusive a proteger a desova das tartarugas, será, já no próximo verão, reestudada pelo IBDF para conhecer a viabilidade de replantar ali uma área de proteção.

Nas áreas de Atol das Rocas — Reserva Biológica Federal — e Praia de Santa Isabel, o Projeto Tartaruga Marinha já tem iniciadas as avaliações quali-quantitativas das populações de quelônios e programas para sua prote-

ção. A próxima etapa do trabalho, que também será executada entre os próximos meses de dezembro e fevereiro, (*) é a marcação, dos animais, com placas numeradas, para o controle da migração. Esta técnica — já aplicada há várias décadas por muitos países da África e Américas do Norte e Central — será utilizada pela primeira vez no Brasil, pelo IBDF, através do Departamento de Parques Nacionais e Reservas Equivalentes, com o apoio das Universidades Federais de Sergipe e Rio Grande do Norte.

Também estão previstos estudos com aparelhos de radiotelemetria, que possibilitarão conhecer os hábitos das tartarugas, especialmente durante os intervalos entre as desovas de cada período de nidificação.

Paralelamente às avaliações quali-quantitativas e proteção das áreas, o Projeto Tartaruga Marinha está procedendo ao levantamento do litoral maranhense e do sul do Pará.

Informações sobre as populações, as espécies e o comportamento das tartarugas marinhas na costa brasileira representaram, até o final da última década, preocupação constante da comunidade científica nacional e internacional e entidades ligadas à conservação da natureza.

Enquanto países como o Suriname, Costa Rica e México já possuíam, há cerca de 30 anos, estudos completos e desenvolvidos projetos de proteção à tartaruga marinha, nos países mais desenvolvidos, como Estados Unidos e Canadá este trabalho já datava de mais de 50 anos. O Brasil, no entanto, até o final de 1979 só dispunha de uma pequena legislação da Superintendência de Desenvolvimento da Pesca — SUDEPE, que proibia a pesca de tartaruga marinha no período da desova, além de pouco significantes estudos regionais.

E foi dentro deste contexto que se iniciou, em janeiro de 1980, o *Projeto Tartaruga Marinha*, desenvolvido pelo Instituto Brasileiro de Desenvolvimento Florestal (IBDF) em convênio com a Fundação Brasileira para Conservação da Natureza (FBCN). Dois oceanólogos, José Catuêê Borralho de Albuquerque e Guy Marie Fabio Guagni dei Marcovaldi, foram especialmente contratados para executar o projeto, que partiria de uma única informação: Existem tartarugas marinhas na costa brasileira.

Em um ano e meio depois o *Projeto Tartaruga Marinha* já resultaria num mapeamento completo de distribuição das praias de desova desses quelônios, incluindo as espécies preferenciais na costa brasileira do Rio Grande do Sul ao Piauí. Atualmente desovam no Brasil tartarugas marinhas das

(*) Referem-se os autores, aos anos de 1981 e 1982, respectivamente.

espécies *Chelonia mydas*, *Caretta caretta*, *Dermodochelys coriacea*, *Eretmochelys imbricata* e *Lepidochelys olivacea*.

Primeiras Informações

A escassez de informações bibliográficas levou o Projeto a se iniciar por dados absolutamente primários. Foram enviadas cartas às prefeituras de todos os municípios litorâneos do Brasil, Universidades e colônias de pescadores, com um pequeno questionário sobre a ocorrência de tartarugas na localidade, se suas praias eram utilizadas para desova, e em que período do ano. As prefeituras também eram inquiridas sobre a utilização econômica do animal, seja a carne, o casco ou ovos.

A catalogação dos questionários levou a uma primeira conclusão: as tartarugas marinhas desovam habitualmente no Brasil a partir do litoral norte do Rio de Janeiro, até a costa do Amapá, o que já era presumível, uma vez que esse grupo de animais exige águas quentes para completar seu ciclo biológico. O volume da incidência de quelônios no litoral brasileiro, e sua importância científica, econômica e cultural para o país viriam a justificar a continuidade do projeto.

As tartarugas marinhas formam um amplo recurso natural de grande importância econômica e social em grande parte da costa brasileira.

O desaparecimento ou a redução desse recurso, já em acelerado processo, causará, em curto prazo, não apenas problemas sociais mas principalmente deixará de prover grande fonte protéica de origem animal, além de valioso aproveitamento industrial e artesanal dos cascos. Isto se refletirá além da perda um patrimônio genético, que é um mal inadmissível na descontinuidade de uma importante atividade econômica.

Partindo desta justificativa, o *Projeto Tartaruga Marinha* foi definitivamente aprovado, para, no período janeiro de 1980 a dezembro de 1982, realizar um total levantamento do comportamento de quelônios nas praias brasileiras, localizando e adquirindo áreas destinadas para a proteção, em locais de desova, para que um manejo adequado seja aplicado, evitando-se assim o desaparecimento das espécies.

Pesquisa de campo

As pesquisas de campo iniciaram-se em maio de 1980, pelas praias da Paraíba escolhida por mostra aleatória, e por ser mais representativa, já que estava no centro da área de interesse. A princípio em condições bastante precárias — os oceanólogos responsáveis pelo projeto utilizava-se de equipamentos próprios, meios de transporte inadequados, e dispunham de pouca

verba. O levantamento por região foi feito com apoio das delegacias do IBDF nos Estados, e em conjunto com Universidades e outras instituições locais.

Em meados de 1980, o Programa PIN-Proterra destinou para o *Projeto Tartaruga Marinha* uma verba de 6 milhões de cruzeiros, para a execução da primeira e segunda fases do projeto, ou seja: levantamento de todo o litoral e delimitação das áreas destinadas à proteção e manejo das tartarugas marinhas. Mais tarde, no início deste ano, o *Projeto Tartaruga Marinha* também recebeu contribuições em equipamentos, da FAO, através de integração do atual presidente do IBDF, Mauro Reis, que há pouco mais de um ano dirigia o Projeto IBDF/FAO/PNUD.

Já de posse de grande parte do equipamento necessário, as pesquisas de levantamento das praias brasileiras foram então aceleradas.

Percorrendo cada localidade, o processo utilizado nas pesquisas somava informações de práticos e pescadores, a presença de resquícios dos animais (ovos, cascos ou objetos manufaturados) e observações técnicas pessoais (topografia, etc.). As tartarugas marinhas preferem, para desova, praias de bancos de alimentação, ou seja, regiões cobertas por algas e outros bentos; e areias com determinadas características — para a cova de postura dos ovos a tartaruga procura praias com areia de pouca compactação e onde não se apresentem pedras e raízes.

Em pouco tempo de experiência, foram adquiridas algumas técnicas que permitiram precisar melhor as informações recebidas. A primeira delas foi a de nunca se identificar como pesquisadores, principalmente de órgão governamental. Isso faria com que a equipe fosse imediatamente ligada à fiscalização e as informações seriam sonegadas. Outra técnica, que foi desenvolvida pessoalmente pelos dois encarregados pelo Projeto, foi a de filtragem de informações, que não raro incluíam elementos culturais, religiosos e folclóricos, distantes da realidade objetiva.

Apesar das várias dificuldades enfrentadas para a implantação da primeira fase do *Projeto Tartaruga Marinha*, um único dado poderia englobá-las todas: a extensão do litoral brasileiro que, entre outras consequências origina a escassez de informações unificadas. Tanto a forma de utilização como a nomenclatura utilizada para identificar as espécies variam de região para região. A *Chelonia mydas*, por exemplo, que desova em praias do Rio de Janeiro à Paraíba, recebe as denominações de tartaruga, tartaruga-do-mar, tartaruga-verde, tartaruga-aruanã, dipéa, jereba, suçuarana, tartaruga-pedrês e aruanã.

Nesta primeira fase de trabalho, foram percorridos cerca de 3.500 quilômetros de praia, com automóvel, lancha, e mesmo a pé. Ao final, foi possível elaborar o mapeamento constante da figura.



MA-IBDF/DEPARTAMENTO DE PARQUES NACIONAIS E RESERVAS EQUIVALENTES

PROJETO TARTARUGA MARINHA
 ÁREAS DE DESOVA

Scale: 0 10 20 Km. Fonte: DEPARTAMENTO DE PARQUES NACIONAIS E RESERVAS EQUIVALENTES Date: JULHO DE 1981